

LUCTADOR

ASSIGNATURAS
TRIMESTRE

Corte e Nictheroy... 2\$000

Periodico Critico, Litterario e Scientifico

ASSIGNATURAS
TRIMESTRE

Províncias..... 2\$500

PUBLICAÇÃO SEMANAL

CORRESPONDENCIAS, A' RUA DE S. JOSE' N. 47.

Anno I.

Rio, 10 de Junho de 1883

N. 6

LUCTADOR

Rio, 10 de Junho de 1883.

Dispensamos, ainda hoje, algumas palavras sobre o ensino livre.

Enfrentamos ainda hoje e de novo vamos tratar d'esse novo meu de progredir que se chama—ensino livre.

Foi uma das mais arrojadas idéas que veiu concorrer muito para o engrandecimento das nossas faculdades, para os progressos intellectuaes de todos os brasileiros.

O ensino livre foi uma passada de gigante dada por um povo ainda pygmeu e sem intellectualidade conhecida.

Pois bem, hoje essa idéa grandiosa, que veiu trazer o entusiasmo á mocidade estudiosa; que veiu alimentar as esperanças de muitos cerebros ainda jovens; essa idéa cahiu diante da imprevidencia dos poderes; foi arrancada como o cedro adusto e cahiu por terra; mas como o cedro, tambem deixou innumerias raizes no seiu da mocidade do Brazil.

Todos nós, estudantes ou não, conhecemos as vantagens do ensino encarado por essa forma; todos nós sabemos quais os resultados dos exames brilhantes prestados nas nossas faculdades.

FOLHETIM

COMO ESTE HA MUITOS!

PAGINA CONTEMPORANEA

Ha cada raão de bom gosto (perdõem-me os que passam bem), que têm certos desejos e que levam a effeito os ditos cujos desejos de modo que nos deixam boquiabertos...

Uns julgam-se uns grandes filhos do seculo e aproveitaveis porque ouviram algum profeta dizer-lhes que hão de dar para alguma causa; outros atiram-se ás artes desconhecidas esperando que d'ahi lhes provenha alguma gloria, talvez a de achar o celebre elixir de longa vida, a quadratura do circulo, apesar do Sr. de Bismarck já a ter achado mandando fazer para a cabeça redonda dos soldados, cha-

Todos nós sabemos que apezar de não ser obrigatorio o ponto, todos corriam pressurosos ás aulas praticas, e ahi aprendiam o que lhes foi tão util aos exames finaes.

Em fim, nada mais absurdo do que essas aulas em que o individuo procura dormir antes do que aprender: o que nos mostra a pratica d'estes factos, não acontece quando o individuo vai de motu proprio.

Felizmente para nós, a lembrança dos beneficios prestados pelo ensino livre, fez com que os nossos estudantes se reunissem e fizessem uma petição ao Sr. ministro do imperio, afim de lhes ser permitida a não obrigatoriedade do vexatorio ponto.

Continuando diremos, que o ensino livre não foi só aceito por ter partido do cérebro esclarecido do Sr. Leoncio de Carvalho, mas porque todos previam os resultados que este modo de ensino poderia trazer para o futuro.

Na nossa escola polytechnica já elle está em pleno vigor, na faculdade de medicina já esteve e hoje foi banido quasi completamente.

Quando é banido e restringido um acto qualquer, nós nos revoltamos, mas quando se trata de uma lei que não só traz o bem de um como de muitos, si acaso essa lei é banida ou pretendem banil-a, todos sem distinção devem proclamar a iniquidade

e o espirito pouco esclarecido d'aquelles que promulgam leis que se oppõem a outras aceitas e já sancionadas pela popularidade e pelos resultados praticos por elles obtidos.

Em fim o ensino obrigatorio só serve para a primeira idade, para adolescentes que ainda não gostem dos estudos superiores e que demandam de vocação ou de, pelo menos, boa vontade.

Para que o rapaz tome gosto pelos estudos superiores, basta que se resolva a estudar e para isso, não é necessário intervenção alheia que o obrigue áquelle que o revolta e que não tem razão alguma de ser.

Ainda felizmente para nós a imprensa já tomou á sua conta semelhante lei e também já o promulgador e propugnador da lei do ensino livre, já ergueu sua voz e patenteou sufficientemente a necessidade do ensino livre nos cursos superiores.

Era preciso que viesse o Sr. conselheiro Leoncio de Carvalho á imprensa para provar o absurdo da lei que repelle o ensino livre das nossas faculdades; era preciso que sua voz autorizada viesse patentar quão sem razão é o regulamento que obriga a frequencia nos laboratorios.

Um orgão da corte tambem se levantou e suspendeu a luva atirada pela lei e pelo regulamento, este orgão tratou do assunto sobre todos os pontos de vista

pés quadrados, ou enfim, outra qualquer descoberta importante.

O randego que n's propomos a descrever é o Sr. Eduardo, e, segundo as placas do estylo, o que já é uma placa, apresentam-o ao leitor avido talvez de conhecer mais um para a sua colleçao.

Eu não sou muito feliz em desrições, en tretanto vá lá mais esta. E' o nosso heroe um todo que lembraria alguma moça de bambús com uma ceteça (e até ahí vai novidade) pois comecei a descrevel-o da séde da intelligencia a Mirabeau (quem nunca o viu procure vel-o para formar idea completa) uns olhos vivos e pretos, cabellos da mesma cor, boca enome, nariz abicado, pescoço comprido (desculpem-me as efigens, ináis e pes grandes, peço licença aos meus, finalmente um todo... excentrico!)

Quanto á vista, era curto em qualquer das accepções que tememos esta palavra, em uma usava de óculos, em outra não distinguia uma viola de um tamboer nem nunca podera per-

ceber porque vemos um objecto que está á nossa vista.

Trajava bem e era viudo, duas condições necessarias e bastantes para ser estimado das jovens que julgam pelas apparencias.

Frequentava os bailes do Congresso, não para dansar, mas, para, na phrase d'elle,—biscar a multidão de gente que ia dansar.

Tantas vezes vai o puerco á fonte.... e cis o nosso Eduardo enamorado de uma maneira pouco vulgar, pois pelo seu talento e illus-tração, conseguiu com que uma joven, D. Sebastiana o extremasse.

Enfim o nosso heroe conversava, ás vezes durante a noite com a sua stella, ambos n'uma pose romantica. Quanta phrase bonita não lhe havia de dizer elle!!!!!!

Uma occasião ella lhe perguntara... sim, o que era na ordem das coisas, mas isto de um a maneira assucarada.

Elle empertigou-se e respondeu-lhe: quanto annista do curso medico.

práticos; ser-nos-hão, pois permittidos estes esclarecimentos sobre o ensino.

Nossas palavras, apezar de poucas e mal moldadas, vêm com tudo, pôr os nossos leitores ao corrente do assumpto.

Do seio da faculdade de medicina da corte, nós levantamos um brado de entusiasmo aos propugnadores do ensino livre.

VISITAS

Recebemos as visitas da *Cruzada* n. 11, anno II, *Gazeta Académica* n. 4, *Gazetinha Aguiá de Ouro* n. 18, anno II, *Venus* n. 1, *Iniciação* n. 1.

No primeiro nota-se: o *Invalido*, escripto em bom verso e outros artigos excellentes.

No segundo nota-se nos versos ainda o mesmo defeito que notámos em um dos nossos numeros: a quebradura do alexandrino. Em compensação traz o Nihilismo, excelente idéa e excellentes alexandrinos.

No terceiro ha uma bôa poesia da Exm. Sra. D. Julieta de Mello Monteiro, é uma bôa producção que não desmente os outros trabalhos da illustre rio-grandense.

Na quarta ha um folhetim, que franca-mente apezar de ser de um distinto littérato, com tudo não nos agradou. Talvez digam-nos, é impossivel escrever agra-dando a todos os palhares. No mais pro-mette....

Tambem recebemos a *Phalange*, que traz uma poesia do Sr. Garcia Rosa, onde ha muita bomba. Mais fundo e menos vôos, meu caro, é o que exige a poesia de hoje. *Minha illusão*, poesia do Sr. Pinheiro, pre-cisa de alguns retocques.

No mais este numero vem bom.

---A *Patria*, que tambem traz bons ar-tigos politicos.

Ella acreditou, pois não estava nos casos de julgar da *sciencia* do Romeu.

Mas, o diabo sempre as arma, havia um intimo da casa que era estudante da mesma serie, de fôrma que perguntaram-lhe se con-hecia o Sr. Eduardo Zebedeu de Araujo Brito Lima.

O intimo reflectiu e disse, que não lhe constava haver semelhante nome pertencente a um seu collega, mas que entretanto indagaria eserupulosamente dando a resposta o mais breve possivel.

Indagou e soube que....qual, carapuças, o typão nem nunca se tinha perdido pela escola.

Immediatamente foi levar a resposta da in-cumbencia.

Tableau! — Todos admirados, confusos, isto é, aquells que subiam da *piada*, as tres irmãs.

O intimo julga-se no dever de punir seme-lhante fraude e portanto, prepara o plano do ataque. O primeiro passo era conhecer o *bicho*, o segundo procurar alguém que o apresen-tasse ao seu collega, o terceiro, fazer-se seu

Carris Litterarios (de Vassouras), onde ha muita verve.

Agradecemos a todos, desejando-lhes muita vida.

CORREIO

Sr. Sylvio da La Tour.—Ora até que afinal chegou com toda a sua força ju-venil. Olhe, já havíamos mandado arran-jar a roupa preta.....

Sr. Raul Gonzaga.—Será, sim senhor, publicada e ás ordens para o que dêr e vier de sua pessoa.

Sr. C. C. S.—O soneto, sim senhor, quanto ao mais não que é muito?

Pois nós achamos e por isso.....

LITERATURA

LITERATURA DA IDADE MÉDIA

(Conclusão)

Cyclo Carolino ou frances.—Este cyclo que vai do seculo 12.º ao 14.º tem certo s cantos cujo heroe é Carlos Magno, sendo elles historicos e fixados pela escripta.

As epopéas *Carlovingianas* tem o nome de *câncões de gestas* sendo de inspiração religiosa e feudal.

N'ellas celebram-se principalmente as luctas entre Christãos e Mahometanos.

Tres tendencias encontram-se n'este cyclo.

A primeira comprehende as *géstas* mais notaveis que circularam na Europa, com o a *Canção de Roland* ou de *Roncevaux*, *Raoul de Cambrai*, *Aliscamps* e outros. Devidas ao genio Gallo-Francô foram introduzi-das na Europa e ainda ha vestigios mór-temente nos alexandrinos de algumas can-ções como a do *Figueiral* e outras.

A segunda comprehende os poemas de *cavalaria*, isto é no tempo em que a so-

amigo, o quarto, isto é, o da apotheose final, desmascaral-o.

O conhecê-lo foi a cousa mais facil. Passou uma occasião por lá quando *elle deitava* idyl-los e assim ficou conhecendo-o.

O segundo custou mais.... porém *piano piano* e *zás* n'uma conversa soube que o *pan-dego* residia em uma *hospedaria* onde havia um seu conhecido que era bem provavel que o conhecesse.

E com effeito, conhecia-o como *as pal-minhas de suas mãos*. Houve, pois, a apresentação e d'ahi os offerecimentos: quando *quierer* é somentes *apparecer*, *lí estomos* e outros mais *alambicados* signaes de amisade.

D'ahi a seis dias eis o intimo visitando Eduardo e protestando-lhe amisade eterna, contando algumas mentiras, a respeito de namoros, como casos verídicos, para d'esta fôrma o n'issô *bon hom'm* vomitar.

Excellent vomitivo! — Ei-lo que comeceia a contar as suas aventuras não omittindo cousa alguma, até deixando escapar que era

ciedade feudal se revoltou contra os reis.

A idade feudal, porém, terminou-se e a poesia tornou-se ficticia, e senão veja-se o *Amadis de Gaula*, o *Roman d'Amadas* e outros.

A terceira comprehende certas compo-sições de *cavallaria* quando esta transfor-mou-se em allegorica como o *Palmeirim de Inglaterra*.

A *cavallaria* finalmente terminou-se e deu lugar à *Tavola Redonda*.

Os poemas da *Tavola Redonda* são no-taveis.

Cyclo armorico ou de Arthur.—

Este *cyclo* tem certos. Cantos cujo herde é o rei Arthur que lhe deu o nome.

O *cyclo armorico* tendo-se divulgado muito em Portugal deu queda ás *câncões Carlovingianas*.

Tomando por base o *Amadis y Idoine* forma-se o *cyclo* dos *Amadizes* que conquis-taram certo nome.

No *cyclo armorico* distinguem-se duas correntes poeticas, uma que é caracterisa-da pelo amor cavalheiresco e heroismo bellico e n'este caso entram os poemas da *Tavola Redonda* da qual são principaes o *d'Erec e Enide*, *Merlin*, *Tristan* e outros, e a segunda corrente que tem por objecto procurar o *Sam Graal*, vaso por onde o Christo bebêra.

O romance de *Perceval* é uma prova elo-quente da segunda corrente.

Cyclo classico.—E' em parte a repro-ducção da antiguidade Greco-Romana.

Devendo muito a litteratura da *Idade Media* ao genio Gallo-Romano, n'esta epocha desenvolvem-se os elementos embryonarios das linguas modernas.

A escolha de assumptos Greco-Romanos o presentimento remoto e confuso da *Re-nascença* por um prenuncio de Dante e de Petrarcha.

Eis os traços geraes d'esta litteratura.

FLAVIO GONTRAND.

— *conductor de bond* e que por isto ás vezes deixava de ir passar alguns instantes juncta á sua *estrella polar*.

O intimo não soffreu commoção alguma pois já esperava por uns d'estes finaes *tristes*.

Conversou ainda um pouco e retirou-se, sempre protestando-lhe muita estima.

A este tempo já o *dono da orchestra*, o pai de Sebastiania, sabia que sua filha alimentava aquele amor.

Um dia á tarde, entra o intimo e com tanta alegria por ter tirado uma mascara que não se importou com o velho e foi dizendo o que sabia. O velho inflamou-se, ficou congesto e....

EPÍLOGO

— Eduardo está de cama, amolgaram-lhe ou antes um pão apalpou-lhe as costellas.

E' o caso de dizer-se: com o poeta:

“*Ir com azas de cupido,*

Voltar com azas de páu.”

FLAVIO GONTRAND.

POESIAS

SERÁ?...

Será no teu olhar, mulher, que tens um iman
Que, só n'um bom olhar n'um rapido fitar,
Atraes á quem puder, forçando á ti amar?
— As tuas attracções talvez que não me opprimam!

E tu me vens jactar que teus olhares primam
De mil fascinações... que ind'has de me mostrar
— E' falso o teu poder de tudo dominar;
Teus olhos não têm tem luz que tanto ardor imprimam — !

A' mim, o teu olhar ultriz de mil encantos,
Olhar que tem prendido á velhos mais sizudos,
Olhar que tem manchado á muitos frades santos,

Que faz então pasmar, cahir no teu domínio:
— Não goza de attracção, precisa bem de estudos,
E' fóco de desgraça, é pyra de esterminio!... —

RAUL GONZAGA

26 - 5.º - 83.

SONETO

E' AÍTAL COUZA...

Houve barulho em casa da vizinha...
Depois gestos e olhar insinuantes,
A criada contou que dois amantes
Brigaram por amôr da Sinhasinha.

Era assim: um entrava á tardesinha,
Passos fôfos, tardios, hesitantes,
Ás oito horas sahia e após instantes
Todo cautelas, o segundo vinha

— Dois! sirigaita, dois!... pobre marido!
Ha seis meses casado o já trahido!
Ai! mundo, mundo... repetia a avó!

— E' mesmo nm desaforo, exclama a neta,
E diz baixinho: como sou pateta,
Ha seis annos casada e tenho um só!

C. C. S.

QUELQUE CHOSE...

(A. J.)

Não sabes o que sinto dentro em mim?
— Um quê de vago, um quê de aereo e bello,
— Um quê que m'encadeia ao teu cabello
 Um quê, sublime, assim...

— Um quê que diz porque, mas que ao setim
Do teu vestido lindo gême, e Othello
Não teria taes ancias, Consuelo...
 Um quê, um quê enfim...

— Um quê que me desperta um certo quê,
— Me agonia cruel não sei porque...
 Um quê, de se sentir...

— Um quê que modulando uma canção,
Ouvindo tuas vozes é sultão...
 Um quê do teu sorrir...

FLAVIO GONTRAND.

1883.

NA IGREJA

(á A.* P.*)

Oravas ao Senhor— deste teu seio
Uma prece elevou-se brandamente
Como o perfume eleva-se das flores
Nas noites em que a lua docemente

Rasga, do céo, as cōres ao receio,
Apparece-nos além pallidamente
E inspirando ao mundo mil amores
N'uma linguagem pallida... tremente....

Eu o sceptico... o frio... disse: « Creio
Que existe um Deos que abranda nosas dores »
E senti no meu peito um fogo ardente

E da minha oração, parei no meio...
Cravaste-me teus olhos seductores
E eu fugi de ti, louco... demente...

ARTHUR T. DUARTE.

Rio - 10 - 6 - 83.

LOGOGRAPHO

Já dei out'rrora glórias a Colombo, 4. 7. 2.
E hoje, me achareis na Lusitânia 6. 8. 3. 1. 7.
Com certa infiniadade e com largueza 6. 5. 8. 3.
Que me déra a triste Karomânia. 10. 12. 1. 8. 5.
Sou também das florestas—grata filha, 7. 8. 5. 8. 3.
Com o nome de mulher já fui formosa; 11. 3. 8. 7.
Mas hoje, conhecida sou dos indios, 1. 2. 5. 8. 7. 4. 3.
E muitas vezes sou—mui tenebrosa. 11. 9. 8. 3.

Sou um natural de amenas plagas,
Onde beijam as praias mansas vagas.

L. PESENHA.

CARTAS AO SR. NADA

Amigo :

Comprehendi o que tu eras. Desde muito
sei o que queres dizer; desde que dissesse que
eras o que eu era.

Desculpa minha linguagem tremula e não
alinhavada nos moldes da rhetorica; sabes que
me faltam conhecimentos, por isso, desculpa-me.

Li o teu artigo, estimei-o; veiu trazer-me
alegrias; veiu despertar em mim todas as
melodias supremas de minha pouca individualidade.

Abraço-te, és meu irmão; o meu artigo é
uma explicativa que te devo fazer; não quero
que penses que sou algum materialista for-

cado, que se fez materialista por conveniencia
sou materialista de convicção.

Tu és *nada* como eu.

Vale.

SYLVIO DE LA TOUR.

12-6-83.

SCIENCIAS

ALGUMAS PALAVRAS

(Continuado do n. 5)

Depois d'essas pequenas e já muito conhecidas, observações passaremos ao estudo, embora imperfeito das diversas ordens que compõem a 1ª sub-classe ou dos monodelphos.

Nos deteremos porém, nas duas primeiras ordens, isto é, dos bimanos e dos quadrumanos, porque assim se faz mais necessário aos nossos artigos para boa intelligencia d'elles.

Na ordem dos bimanos só é encontrado o homem, na ordem dos quadrumanos distinguiremos os macacos.

Aqui começaremos o estudo comparado dos esqueletos e dos órgãos que apresentam mais semelhanças, isto porque não pretendemos escrever compêndio e sim uma serie de artigos em que ponhamos em relevo as nossas tendencias transformistas.

Não nos é possível entrar em minudências em artigos que constituem um ensaio apenas e algumas horas dispensadas dos nossos estudos *obrigatorios e officiales*.

Vamos começar pelo estudo dos craneos.

O crânio do homem é arredondado e antes ovoide, é mais desenvolvido do que a face articula-se com as vertebrais; a face não é tão proeminente como nos outros animais.

No macaco a face é proeminente o crânio é muito menor que o do homem caucasiano mas aproxima-se muito do da raça negra.

Comparando os anglos faciais nas diferentes raças, vemos que na raça caucasica o anglo é de 80°; para a raça negra de 70° mais ou menos; nos macacos é 61 variando até 30°, de todas as raças, aquelle que tem angulo facial mais aberto é o da raça caucasica; notando-se, po én, que o angulo facial na raça ethiope é muito approximado da dos macacos.

Releva aqui notar que, o crânio establece uma certa relatividade entre os graus de intelligencia dos diversos animais, e quasi que se pôde dizer que a intelligencia é relativa ao tamanho e à razão directa; e isto provoca-se observando-se que, certos animais inferiores ao homem, os que têm a caixa craneana pouco desenvolvida, são ordinariamente estupidos, salvo, porém as exceções.

Quanto ao cerebro as observações conscientias de todos os observadores, atestam que o numero de circunvoluções cerebraes é menor no macaco que no homem, esta diferença e outras não são capitales porque na criação este numero aumenta, à medida, porém, que a educação se vai completando.

Comtudo, não somos de parecer de Gall, nem tão pouco somos tão phrenologistas

como o distinto physiologista; apenas diremos que em questões de intelligencias tudo depende da qualidade da massa encephalica.

Depois d'estes estudos, rapidamente feitos, tra'aremos das outras semelhanças ou diferenças que se nos apresentam mais notaveis.

Passaremos ao estudo comparativo dos membros inferiores e superiores do macaco e do homem.

A mão do macaco não tem os movimentos tão extensos como a do homem e tem o polex opposto.

Nas mãos e nos pés dos macacos é que se acham as diferenças mais notaveis entre bimanos e quadrumanos.

O que se não pode negar é que esta questão é ainda intrincada para a sciencia.

Não se pode explicar isto, assim como não se pode explicar outras tantas cousas que ainda estão por explicar.

Comtudo, de boamente admite-se sem esforços grandes, que transformações necessarias se deram nesta ordem dos quadrumanos, afim de que os membros inferiores se transformassem em planta e o polex tivesse os movimentos mais extensos; o que não é impossivel, pois comparando os ossos do pé com os da mão de qualquer homem, poucas diferenças acharemos dignas de nota e ao contrario, acharemos muitas e muitas semelhanças.

Todos, com certeza, acharão semelhanças entre o corpo e o tarso; entre o metacorpo e o metatarso; entre as phalanges, etc., e até mesmo entre as articulações do punho e do tornozello; enfim, d'aqui proviria uma serie de considerações que nos estenderia muito, se acaso quizessemos nos allongar.

Quem nos afiança que primitivamente nossos pés não tinham muita semelhança com os do macaco? Ninguem.

No nosso proximo artigo trataremos para terminar dos costumes de linguagem ou modo de comunicação dos macacos e mais alguma cousa que nos ocorrer.

Por hoje chega.

SYLVIO DE LA TOUR.

Junho, 8—1883.

LAMPEJOS SCIENTIFICOS

II

DA ESPECIE

Antes de dizermos algumas palavras sobre a *especie* na Historia Natural, convém que digamos tambem em algumas linhas pelo que se entendem em Pharmacia com o nome de *especies*. N'esta arte, pôde-se definir-as assim: uma mistura de muitas plantas ou parte d'esses mesmos vegetaes. São substancias que estão grupadas na classe dos medicamentos compostos e anomalous como um dos primeiros tipos. Na confecção d'esses medicamentos, o perito deve ter sempre em vista não misturar substancias de texturas diferentes ou heterogeneas, mas sim homogeneas, isto é, de texturas iguaes. Assim, elle não deverá misturar por exemplo folhas com raizes; flores com

folhas, etc.; podendo perfeitamente misturar flores com flores, folhas com folhas, etc. Se elle não seguir essa regra que até hoje permanece, a mistura difficultaria muito que elle obtivesse um producto perfeitamente homogeneo. Deve-se pois misturar substancias que cedam com a mesma propriedade suas partes solueis e medicamentosas aos vehiculos que elles forem submettidas. Em pharmacia, as especies se dividem em amargas, aromaticas, anthelminticas, Léchicas, diureticas, emolientes, peitoraes, vulneraria, etc. É uma divisão que ainda é aceita até hoje e se acha escripta nos compendios e formularios. Na maioria dos casos, as especies officinaes são sempre empregadas em proporções iguaes.

São usadas em infusões e em decoctos cujo uso pôde ser, conforme os casos, em interno e externo. Em Historia Natural, a *especie* não é mais que a collecção de individuos que gozam dos mesmos caracteres, sendo por isso mui semelhantes entre si e distinguindo-se por esse caracter de todos os outros. No reino inorganico, a *especie* é classificada pela identidade de composição. Por exemplo: se um perito tiver diante da vista, (que é uma das propriedades organolepticas importantes) dous saes de baryo; o azotato e o sulphato, verá que elles não têm cor, e se submeter o primeiro que é soluvel n'agua á uma corrente de hydrogeno sulphur etado ($H^+ S^-$), verá que n'âcha precipitação e o reactivo por excellencia—o acido sulphurico fará instantaneamente surgir um precipitado branco insolúvel no acido azotico, além de ser este sal por si mesmo insolúvel n'este mesmo acido concentrado. É uma reacção, a primeira, considerada como caracteristica dos sâes d'este metal cujo peso atomico é elevado (137,2), sendo por isso muito toxico. O bismutho, cujo peso atomico é ainda mais elevado (210) é muito mais toxico que o baryo e mesmo do que mercurio que é muito maior que este, e menor que o bismutho, fornece à medicina um producto—o azotato-neutro de bismutho ou sub-azotato de bismutho ($Bi^{+3} + H_2O$) que não é venenoso; pois é insolúvel nos principaes vehiculos e mesmo nos acidos da economia humana. O mesmo não se dá com o azotato acido $Bi^{+3}(H_2O)^3$ que é nimiramente venenoso. São factos estes que vem patenteiar a lei de Rabuteau sobre a toxicidade dos metais a qual diz que «os metais são tanto mais toxicos quanto o seu peso atomico fôr mais elevado.» E como em 1820, os Srs. Dulong e Petit, descobriram que; «os caloricos específicos estão na razão inversa dos pesos atomicos», aquelle notável therapeuta e incansavel experimentador, tirou d'ahi uma conclusão para a sua lei, dizendo que; «os metais são tanto mais toxicos quanto o seu peso atomico fôr maior e o calorico específico fôr menor». Deixando de parte estas questões que interessam a Chimica e a Toxicologia, continuamos na vereda da Historia Natural. No reino organico, a *especie* é baseada

na identidade de estructura, de forma e n propriedade que tem os individuos, vegetaes ou animais, de reproduzirem sércs semelhantes.

Um *individuo* não é mais que o ser que sendo dividido, fica imperfeito.

A *especie* é o quid de muitas questões dependentes da Biologia e da Philosophia que ainda não foram, até a época actual, discutidas convenientemente.

(Continua.)
RAUL GONZAGA

A' uitima hora

Consta-nos que os Rio-Grandenses, residentes na corte, acabam de fundar uma Sociedade Abolicionista—Rio-Grandense.

Enviamos os nossos parabens aos illustres patricios que acabam de dar mais um passo para o engrandecimento d'aquella provicia. --- Away.

CHARADAS

1.*

1—2.—Aqui e na Africa ha lenho medicinal.
2.*

1—2.—A ilha para este animal é o mundo.
3.*

1—2.—O circulo d'este tecido é uma abobora.
4.*

2—2.—Como deleita a dama d'este vegetal?

ANNUNCIOS

ESTABELECIMENTO DA LIBERDADE

Rua dos Voluntarios da Patria, 45

esquina da do Paulino Fernandes.

O proprietario d'este estabelecimento tem sempre um sortimento de generos alimenticios de primeira qualidade.

EXPEDIENTE

A redacção do *Luctador*, além de franquear as columnas do seu Jornal a quem n'elle quiser colaborar, aceita annuncios commerciaes ou outros quaisquer, mediante o preço de cem réis a linha.

Aquellos senhores que, havendo recebido exemplares do *Luctador* não os devolverem, serão considerados assignantes.

Regamos aos nossos assignantes que ainda não satisfizeram as suas assignaturas, o obsequio de envial-as em carta registrada á nossa redacção.

Typ. — Rua de S. José n. 47.